

JOSÉ BARBOSA RODRIGUES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA INFÂNCIA

*JOSÉ BARBOSA RODRIGUES AND THE
CONSTRUCTION OF IDENTITY IN CHILDHOOD*

Henry Alves Guimarães de Souza Santos¹

Mestrando em História (PPGH/UFGD)

Resumo: Apresenta-se nesse artigo uma análise historiográfica de *Campo Grande, meu amor* e *Mato Grosso do Sul para a 3ª série do 1º grau*, dois livros escritos por José Barbosa Rodrigues, no auge da criação de Mato Grosso do Sul e da elevação de Campo Grande à capital do novo estado. A criação de uma unidade federativa e a designação de uma nova capital trouxeram vários desafios para as instituições políticas e elites regionais. Foi preciso criar a região, para além dos recortes geográficos, repensando a política, a cultura, e, sobretudo, criar uma identidade regional e sentimentos de pertença coletiva. Além disso, era necessário legitimar Campo Grande como capital e construir um projeto coletivo, que unisse os diferentes grupos. Graças a sua influência política com as elites dirigentes, seus livros foram distribuídos nas escolas e serviram como manuais didáticos para os recentes eventos.

Abstract: The present article devotes itself to an historiographical analysis of *Campo Grande, meu amor* and *Mato Grosso do Sul para a 3ª série do 1º grau* – books written by José Barbosa Rodrigues, at the height of the establishment of Mato Grosso do Sul and the designation of Campo Grande as capital of the new state. With the creation of a federative unit and the nomination of a new capital, several challenges arose for the political institutions and regional elites. Consequently, it became necessary to create a region beyond geographical lines by rethinking politics, culture and, primarily, a regional identity and the feeling of collective belonging. Furthermore, it was imperative to legitimize Campo Grande as capital and construct a common project that would unite different social groups. Therefore, due to the author's political influence among the ruling classes, his books were distributed among schools and served as didactic manuals for recent events.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestrando na Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD), bolsista FUNDECT. E-mail: guimarãeshenry@hotmail.com.

Palavras-chave: Historiografia sul-mato-grossense; Mato Grosso do Sul; Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Keywords: Sul-mato-grossense historiography; Mato Grosso do Sul, Historical and Geographical Institute of Mato Grosso do Sul.

Introdução

Esse texto apresenta uma análise historiográfica de dois livros escritos por José Barbosa Rodrigues: *Mato Grosso do Sul para a 3ª série do 1º grau* e *Campo Grande, meu amor: resumo histórico e geográfico do município*, ambos publicados em 1978. O objetivo foi analisar seus discursos, situando-os à época das escrituras, com seus problemas, anseios, olhares sobre o passado e projetos para o futuro e sua importância para a construção da identidade sul-mato-grossense e também afirmação de Campo Grande como capital. Pretende-se também focar as apropriações das produções do autor por diferentes intelectuais, instituições e governos estaduais.

Como referenciais teóricos, utilizo os conceitos de região, de representação e de memória. Tanto as memórias nacionais como a regionais estão relacionadas a uma série de elementos que constituem uma nação/região, ou seja, sua trajetória oficial. Segundo Halbwachs (2004, p. 75), a memória individual não está isolada e busca como referências pontos externos ao sujeito, ou seja, às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. Ademais, ele comenta que a memória se apoia sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita” (HALBWACHS, 2004, p. 57-9).

Nesse sentido, a memória histórica é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes na história de um país ou de uma região e é construída e reconstruída discursivamente e também por meio de rituais, emblemas, monumentos, mitos, entre outros. A partir da análise das obras, compreenderemos como José Barbosa Rodrigues fez isso em dois de seus livros.

O passado coletivo pode ser tanto recordado quanto reinventado, podendo ser criado e recriado, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem para os sujeitos individuais e para os coletivos – já que todos eles são sujeitos sociais.

Em síntese, a memória de um indivíduo, de um país, de uma região ou de uma cidade está na base da formulação de identidades e de subjetividades. A história de uma nação pode ser entendida como a síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, mas encontra-se muito distante das percepções do indivíduo, daí a diferenciação estabelecida entre Memória e História (HALBWACHS, 2004, p. 84). Já a região não é um dado prévio, um recorte espacial naturalizado, com um referente identitário que existiria por si, com um recorte político-administrativo e cultural. A região é construída por discursos, ações e por práticas não-discursivas que criam essas noções espaciais e são bases para dirigem projetos políticos, administrativos, culturais e estéticos, que definem e delimitam fronteiras, domínios, territórios, regiões e nações.

Na construção da região, temos investimentos e discursos nas esferas do econômico, do social, do político, do religioso, do artístico e do moral, construídos a partir de investimentos de poder, de saber e de desejo, que produzem, trazem à existência aquilo que elas enunciam, como por exemplo: a escolha de uma determinada cidade como capital.

Para Albuquerque (2008), as regiões nascem da produção de sentidos que buscam organizar o mundo para melhor ordená-lo, classificá-lo e até mesmo dominá-lo. São invenções humanas que nascem de práticas de significação e de ordenação do mundo que trazem iminentes estratégias de poder, de domínio, de controle, de separação, de inclusão e exclusão. O regionalismo, ao inventar as regiões, forja subjetividades, fabrica a região e produz diferenças. Já para Michael Pollak, "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros" (POLLAK, 1992, p. 204).

Por fim, a região é um objeto em constante construção e reconstrução e objeto de lutas entre as diferentes classes, grupos, instituições e por que não entre os historiadores. O historiador do regional desconstrói a história da constituição desses recortes, os saberes que lhe deram uma identidade, as fronteiras que foram criadas, as tradições culturais eleitas, entre outras. Ou seja, não irá repor acriticamente a pretensa identidade de uma região, mas desconstruí-la. Caso contrário, estaria a serviço das forças, dos interesses e projetos políticos que lhe deram forma ou que

sustentam um dado espaço dito e visto como regional.

De acordo com Albuquerque (2008, p. 64 e 66), fazer “história do regional [...] não é afirmar a região; é colocá-la em questão, é suspeitar de sua existência”. O historiador do regional se volta contra qualquer cristalização do regional e que “encararia como um campo de luta, que implica em assumir posições, em ocupar lugares de sujeito, em se postar no meio da batalha de ações e de discursos, e apresentações e de representações da própria região”.

Dessa forma, os historiadores do regional investem no seu desmonte e se negam a falar em seu nome, em ser seus porta-vozes e se negam a colocarem-se na posição de sujeitos da região, evitando assumir qualquer discurso regionalista. Nessa perspectiva, devemos estar atentos para desconstruir e pôr em questão um dado recorte regional, a definição de suas fronteiras, suas identidades, a invenção de suas paisagens e dos seus habitantes, das escolhas que instituíram o que seriam suas manifestações culturais tradicionais, seus costumes e hábitos.

Mato Grosso do Sul: um breve panorama

Compreender a divisão do estado de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul é uma tarefa árdua e complexa. Transcorridos mais de 40 anos, o evento ainda gera debates dentro da academia. Os motivos, razões e bastidores ainda são temas que necessitam de estudos profundos. Cabe destacar aqui algumas pesquisas importantes que contribuíram para essa temática, por exemplo, os trabalhos de Bittar (1999 e 2009); Ziliani (2000); Queiroz (2006); Amarilha (2006).

A historiografia sul-mato-grossense, a nível profissional e feita dentro dos programas de pós-graduação, é bastante recente. Foi a partir de 1999 que o estado teve seu primeiro curso de pós-graduação (mestrado) em História, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Dourados, posteriormente, em 2005, o campus foi desmembrado e criou-se a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Antes desse processo, muitos profissionais da história já realizavam suas pesquisas em outras universidades e programas de pós-graduação. Com a criação e desenvolvimento de outros programas, muitos debates e produções acerca da história do estado ganharam espaço.

Desde a sua criação em 1978, através da lei complementar n. 31, Mato Grosso

do Sul possui a presença de instituições ligadas às elites políticas dirigentes, como o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), fundado em 1978 com o intuito de construir uma história oficial do novo estado e Academia de Letras e História de Campo Grande (ALHCG), fundada em 1972, que, após a divisão, teve o nome alterado para Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). Essas instituições construtoras de uma história oficial abarcavam uma grande quantidade de escritores, políticos, artistas e notáveis; dentre eles, uma categoria merece ser destacada: os memorialistas.

Entende-se como memorialistas um grupo de profissionais liberais (médicos, jornalistas, professores, advogados, escritores, engenheiros, entre outros) que dominavam o cenário político, cultural, econômico e social da região sul no contexto da divisão do estado de Mato Grosso. Com a divisão do estado, eles mantiveram suas posições e buscaram construir um pacto para forjar a identidade dos sul-mato-grossenses. Podemos citar como exemplo, Hildebrando Campestrini, Paulo Coelho Machado, Elpídio Reis, José Couto Vieira Pontes, José Barbosa Rodrigues, Demóstenes Martins, entre outros membros do IHGMS e ASL.

Para eles, comandar as narrativas regionais era uma espécie de dever patriótico. De acordo com Jacques Le Goff, a memória "é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia". Nesse caso, a memória coletiva, que mais nos interessa, o autor a vê como "um instrumento e um objeto de poder" (LE GOFF, 1990, p. 476).

Para Zorzato (2000), os memorialistas locais, dos quais José Barbosa Rodrigues fez parte, buscavam criar uma obra civilizadora. Esse processo tinha como objetivo "registrar para si o papel de civilizadores do sertão", assim, deram ênfase para "a figura dos primeiros advogados, religiosos, engenheiros, militares e outros que tinham formação técnico-científica", esses no futuro seriam responsáveis por exercer funções de "jornalistas, professores, burocratas, além das funções para quais se especializaram" (ZORZATO, 2000, p. 422).

Após a criação de Mato Grosso do Sul, essas instituições elaboraram uma narrativa anacrônica que defendia uma luta divisionista secular, ou seja, um movimento organizado e contínuo. Em *Notas sobre divisionismo e identidades em*

Mato Grosso/Mato Grosso do Sul, Queiroz (2007) nos apresenta que, na prática, o que existiu em Mato Grosso foram algumas tentativas e reivindicações por autonomia em relação às elites de Cuiabá. O autor ainda analisa alguns documentos de divisionistas sulistas da década de 1930, numa primeira tentativa de construção de identidade sul-mato-grossense. Essas discussões foram praticamente abandonadas e foram retomadas somente após a criação do novo estado, dentre elas, podemos citar os dois livros analisados nesse artigo.

Os discursos memorialistas são tão fortes na construção da história do estado, que perpassam as produções dos institutos e adentram a historiografia acadêmica. Ao refletir sobre a divisão de Mato Grosso, Marisa Bittar mencionou que “as duas porções cresceram separadas”, ela ainda comenta que “sul e norte, desde os tempos coloniais, viveram apartados” (BITTAR, 2016, p. 94).

Em narrativas memorialistas sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, Campestrini (2011) argumenta que, por cerca de dois meses, Mato Grosso vivera com dois governos distintos; esse acontecimento foi retratado por alguns memorialistas, entre eles José Barbosa Rodrigues, como a primeira divisão, sendo cunhado o termo *Estado de Maracaju* para se referir ao governo revolucionário instalado no sul de Mato Grosso. Todavia, esse termo foi criado de maneira anacrônica por Hildebrando Campestrini, ao comentar o assunto, Queiroz (2007, p. 145) afirma tratou-se de “uma versão fantasiosa”, o autor ainda complementa o que fora demonstrado por Bittar (1997), que o evento não estaria necessariamente ligado à separação do sul. Segundo ela, era possível “que houvesse a intenção de, caso vitorioso o movimento paulista de 1932, a capital de Mato Grosso permanecesse em Campo Grande com o estado uno” (BITTAR, 1997, p. 173).

Em 1977, a divisão ocorreria de fato, segundo Bittar (1999), como uma obra da ditadura militar e não como consequência de um movimento divisionista organizado. As motivações do regime militar para dividir Mato Grosso e criar Mato Grosso do Sul estariam ligadas em razões de ordem geopolítica, com garantia de *segurança nacional*², por meio da ocupação das regiões de fronteira. Além disso, a divisão estaria ligada à conjuntura política do país; para ela, após a criação de Mato Grosso

² Sobre essa temática, ver: SANTANA (2009). Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuh_nacional/S.25/ANPUH.S25.1230.pdf>. Acesso em 08.06.2023.

do Sul, o presidente Geisel “contaria com mais um governo e toda a estrutura política regional, a favor do regime, que já se encontrava em seus momentos de exaustão procurando uma auto-reforma para manter-se” (BITTAR, 1999, p. 126).

Nesse ínterim, a escolha do nome do novo estado a ser criado também esteve em jogo. Um dos nomes cogitados foi *Campo Grande*, defendido por José Barbosa Rodrigues e por políticos campo-grandenses. Porém, houve uma reação por parte do jornal *O Progresso*, publicado em Dourados, pelos políticos e pelas elites douradenses, que enviaram inúmeros telegramas para o presidente Ernesto Geisel, ao Senado, à Câmara Federal, em que alegavam que “somos mato-grossenses e pretendemos continuar mato-grossenses” e “[jamais] Estado de Campo Grande” (FURLANETO, 2018, p. 108-110).

Foram sugeridos como alternativa os seguintes nomes: Dourados, Maracaju, Mato Grosso do Sul e Bodoquena. Além de não aceitar Campo Grande para designar a nova unidade federativa, reivindicavam que Dourados fosse a capital, devido seu desenvolvimento agropecuário, pelo crescimento demográfico e urbano, pela capacidade eleitoral e pela marginalização política que seria imposta pelos políticos campo-grandenses.

Em meio a essas disputas, Rodrigues militou, por meio de seu jornal, o *Correio do Estado*, e junto aos políticos campo-grandenses, pela designação de Estado de Campo Grande. As disputas entre os políticos, as elites e a imprensa das duas cidades somente foram resolvidas a partir de agosto de 1977, quando foi noticiado que o presidente Ernesto Geisel teria optado pela designação *Mato Grosso do Sul* e por Campo Grande como capital. Mais tarde, essas informações foram confirmadas no dia 11 de outubro de 1977, com a assinatura da lei complementar n. 31³, que em seu primeiro artigo criou oficialmente Mato Grosso do Sul. As disputas entre as elites locais e a falta de consenso em torno da capital criava a necessidade de legitimar a indicação, afirmando sua importância.

Mato Grosso do Sul, ao ser criado em 1977, na visão dessas elites políticas, precisava de uma nova história e de uma nova identidade. Era preciso construir elementos que representassem os habitantes de um novo estado e de uma nova capital. Mas o que fazer com a história que já existia ali? Era necessário recriar a

³ Para mais informações e acesso completo da lei, acessar: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp31.htm.

região, com recortes geográficos, políticos e culturais e, sobretudo, criar uma identidade regional e sentimentos de pertença coletiva. Afastando ligações com os mato-grossenses e projetando-se como um estado desenvolvido e promissor.

Além disso, era necessário legitimar Campo Grande como capital e construir um projeto coletivo, que unisse os diferentes grupos políticos. Nesse contexto, o governo estadual mobilizou instituições, grupos e intelectuais de diferentes campos para realizar tal feito. Dentre eles, estava o autor dessas duas obras, destinadas especificamente para crianças.

Mato Grosso do Sul para 3ª série do 1º grau

Publicado em 1978, no auge da criação do estado de Mato Grosso do Sul, o livro *Mato Grosso do Sul para 3ª série do 1º grau* é um livro paradidático dedicado aos professores e crianças dos anos iniciais. O ineditismo da obra é apresentado logo em sua dedicatória, datada de março de 1978; nela, José Barbosa Rodrigues diz que visava oferecer subsídios para disciplina de Estudos Sociais. Em sua concepção, era “incompreensível que os alunos dessa série continuassem estudando o que há sobre o antigo Mato Grosso” (RODRIGUES, 1978, p.3), os estudantes deveriam conhecer o novo Estado, legalmente criado em 11 de outubro de 1978. O livro está entre as várias publicações do autor, que geralmente tratam de temáticas que envolvem Mato Grosso do Sul e Campo Grande.

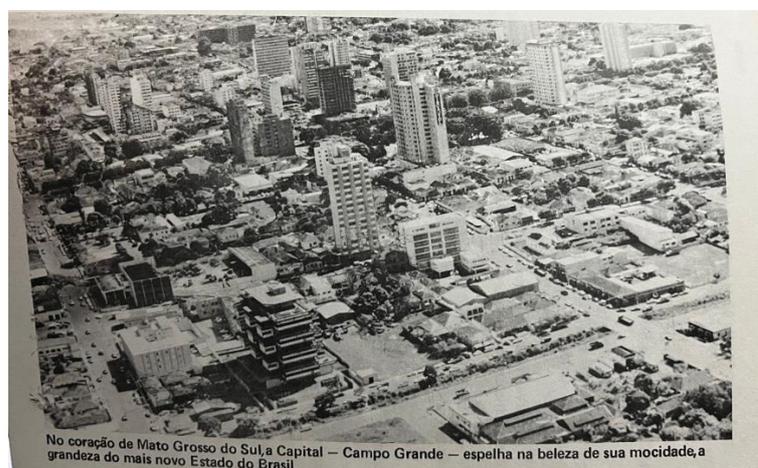
Com cerca de 40 páginas e 17 capítulos, sua configuração se assemelha bastante com *Campo Grande, meu amor: resumo histórico e geográfico do município* (1978), todavia as informações são apresentadas de maneira enxuta e em formato de pequenos tópicos. O próprio autor relata que, por ser um livro dedicado a crianças mais novas, ele optou por reduzir o volume de dados e conteúdos.

Algumas particularidades chamam atenção na leitura da obra, dentre elas, podemos citar a formatação em capítulos curtos, a escrita em tópicos e uma bateria de perguntas – ao final de cada capítulo – que deveriam ser feitas aos estudantes; geralmente cada pergunta corresponde a um tópico, numa nítida tentativa de memorização. Segundo (FREIRE, 2004), o modelo das perguntas se encaixa numa concepção de educação bancária, onde as respostas deveriam ser cópias dos tópicos abordados nos seus respectivos capítulos.

A presença de imagens, sejam fotografias ou mapas, também foi uma importante ferramenta utilizada pelo autor. As imagens contam com legendas que carregam importantes interpretações. A primeira é uma foto do dia 11 de outubro de 1977, data da assinatura da lei complementar n.31, dia oficial da criação do estado de Mato Grosso do Sul; na legenda o autor menciona que o presidente Ernesto Geisel “transformou em realidade o sonho da gente sul-mato-grossense” (RODRIGUES, 1978, p.7).

Esse tipo de construção por meio da imagem reafirma o discurso de uma luta divisionista secular e retira o caráter de uma divisão de gabinete, feita no contexto de uma ditadura militar sob a influência da Doutrina de Segurança Nacional⁴. Ao longo da obra, em nenhum momento o processo e as razões que levaram à criação do estado são mencionados, assim, o que devia ser estudado é o presente; para o autor, o antigo Mato Grosso deveria ficar no passado.

Figura 1- vista aérea de Campo Grande



Fonte: RODRIGUES, 1978, p. 23

Partidário da escolha de Campo Grande como capital, o autor apresentou uma fotografia de uma vista aérea da cidade, enfatizando sua localização privilegiada. Segundo Rodrigues, Campo Grande estava no “coração de Mato Grosso do Sul”. Ao analisar a legenda e a foto, podemos compreender que o autor visava construir uma narrativa que confirmasse como acertava a decisão do Governo Geisel em escolher

⁴ Sobre Doutrina de Segurança Nacional, ver: (BRUZIGUESSI, 2014). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rsulacp/article/view/3311>.

Campo Grande como capital, em detrimento de outras cidades, como Dourados ou Corumbá. Além disso, para ele, essas características exemplificavam “a grandeza do mais novo Estado do Brasil” (RODRIGUES, 1978, p.23).

Até os dias de hoje, quando pensamos no estado de Mato Grosso do Sul, os aspectos naturais ainda aparecem no imaginário de boa parte dos brasileiros. No livro em questão, a natureza ganhou destaque com as imagens dos rios Paraná e Paraguai, o primeiro, descrito como teatro de aventuras de bandeirantes e monçoeiros, já o segundo, como aquele que ajuda a construir a riqueza do estado.

O bioma Pantanal, tão atual devido os incêndios noticiados a partir de 2020, aparece nas imagens, sendo descrito e associado a uma dádiva divina, ou seja, uma benção de Deus aos sul-mato-grossenses. Por fim, a obra ainda conta com um mapa administrativo do estado, com todas as suas fronteiras nacionais e internacionais; ademais, há uma lista com o nome dos 55 municípios⁵ do estado.

Na leitura da obra, algumas temáticas trabalhadas por Rodrigues chamam a atenção, isso se deve a sua parcialidade e falta de respaldo nas fontes, suas afirmações tinham o intuito de instituir memórias e também promover esquecimentos.

Essa questão pode ser exemplificada no capítulo *Superfície e População*, ao decorrer desse segmento, o autor aborda os limites territoriais, tamanho do estado em quilômetros quadrados e também a composição da população em raças. Assim como pode ser notado em outros livros⁶, ele nega a existência e importância de alguns grupos étnicos, principalmente da população negra.

Para ele, dos 1,4 milhões de habitantes de MS, em 1978, a grande maioria seria de descendentes de raça branca, citando grupos ascendentes de portugueses, libaneses, espanhóis e italianos. Ao contrário do que escreveu em *Campo Grande, meu amor: resumo histórico e geográfico do município*, apresentou a presença de “mestiços”, que seriam formados por brancos e indígenas e brancos e pretos. No último tópico, a raça amarela aparece, com destaque aos japoneses, porém, a

⁵ A quantidade de municípios é referente ao ano de 1978, data da publicação do livro e criação do estado. Atualmente, segundo o IBGE, o Estado de Mato Grosso do Sul conta com 79 municípios. Para mais informações, acessar: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/historico>.

⁶ Sobre o tema, ver: *Isto é Mato Grosso do Sul: nasce um estado; História de Campo Grande; História de Mato Grosso do Sul*. Em todas essas obras, o autor nega ou menospreza a presença de descendentes de africanos no território que correspondente ao atual estado de Mato Grosso do Sul.

principal questão é a reafirmação de que a raça “preta é inexpressiva” (RODRIGUES, 1978, p.11).

Ao promover essas afirmações, José Barbosa Rodrigues acaba por suprimir a história e a importância da população negra em Mato Grosso do Sul, isso ficou mais nítido em *História de Campo Grande* (1980), obra em que trata sobre a história da capital. Nela, elegeu José Antônio Pereira, um homem branco e mineiro, como fundador da cidade. Em nenhum momento o autor mencionou o debate historiográfico existente acerca da fundação da cidade ou outras possibilidades de fundação, como por exemplo, o papel de Eva Maria de Jesus, uma mulher escravizada.

Atualmente, em Campo Grande, no bairro Monte Castelo, existe uma comunidade de remanescentes quilombolas, reconhecida pela Fundação Palmares, que carrega o nome de *Tia Eva*, como era popularmente conhecida. Histórias de silenciamento acerca das populações afro-brasileiras infelizmente ainda são recorrentes na historiografia brasileira, sobretudo na construção da história de Mato Grosso do Sul. Vale destacar que muitos avanços foram conquistados nos últimos 20 anos, graças a ação de movimentos sociais, políticas públicas e leis como a 10.639/2003 e a 11.645/2008. Para Zorzato, ao tratar da identidade mato-grossense, os autores como Rodrigues resgatam somente “as origens europeias, silenciando-se sobre o lado indígena dos mato-grossenses” (ZORZATO, 2000, p. 422).

Há um grande enfoque na geografia do Estado, podendo ser vista nos capítulos *O clima; Relevô do Solo; Bacias e Rios Principais; Vegetação; Riquezas Principais* e *Pecuária*. De maneira geral, os aspectos positivos de todos os capítulos são exaltados, e aqueles que não possuíam tanto desenvolvimento são apresentados de maneira singela, ressaltando sempre o potencial de exploração. Por exemplo, o turismo para Rodrigues era uma área de atuação pouco explorada, porém contava com várias atrações turísticas importantes, como a gruta do Lago Azul em Bonito, os monumentos aos heróis da Retirada da Laguna em Nioaque, A Baía de Cáceres e o Forte Coimbra em Corumbá, entre outros na capital e demais cidades do interior.

A ferrovia Noroeste do Brasil (NOB)⁷, um importante marco para o desenvolvimento da porção sul de Mato Grosso⁸, teve um papel de destaque nessa obra, sendo citada diretamente em quatro capítulos. A associação entre a ferrovia e o progresso é automática, em *Cidades Principais*, com exceção da capital e de Dourados, todas as outras cidades eleitas como importantes são servidas por estrada de ferro. Para Queiroz, a ferrovia: "(...) estimulou, enfim, o crescimento de outra potencial concorrente da velha Cuiabá: a cidade de Campo Grande, que logo, aliás, suplantaria a própria Corumbá na condição de principal polo comercial do estado" (QUEIROZ, 2007, p. 142).

Em *Pecuária*, a Noroeste seria a responsável, junto com transportadoras rodoviárias, por transportar os bovinos para fora do Estado, contribuindo diretamente para essa atividade, que era a base econômica do estado. No capítulo dedicado aos Meios de Transporte, a NOB ganha destaque como integrante da Rede Ferroviária Federal S/A- RFFSA, sendo importante para o desenvolvimento de cidades como Campo Grande, Corumbá e Ponta Porã.

Campo Grande, meu amor: resumo histórico e geográfico do município

Em 1978, foi publicado o livro didático *Campo Grande, meu amor: resumo histórico e geográfico do município*, para ser utilizado nas escolas do município. Sua primeira edição foi de 3.000 exemplares, porém, devido à excelente recepção, logo se esgotou. Posteriormente, em 1981, foi publicada a segunda edição, que segundo o autor, teve pequenas modificações no que diz respeito a dados estatísticos⁹.

Segundo Rodrigues, a obra foi redigida "para crianças, mas teve aceitação por parte dos adultos". A boa aceitação do público, tanto infantil como adulto, foi justificada no fato de a cidade constituir um objeto de "bem querer de todos nós". Ele ainda complementou que seu objetivo, ao redigir o livro, era contribuir para que esse amor fosse cada vez maior (RODRIGUES, 1981, p. 5).

⁷ Para mais informações sobre a NOB, ver: *As Curvas do Trem e os Meandros do Poder: o nascimento da estrada de ferro Noroeste do Brasil* (1997); *Uma Ferrovia entre Dois Mundos* (2004). Ambas escritas por Paulo Roberto Cimó Queiroz.

⁸ Segundo QUEIROZ (2007), a definição do sul do estado de Mato Grosso tinha contornos imprecisos e não correspondia exatamente ao atual estado de Mato Grosso do Sul. O autor ainda complementa que MT possuía outras duas porções: o Norte, uma região mais propriamente amazônica e correspondente ao atual estado de Rondônia e o Centro, polarizada pela capital Cuiabá.

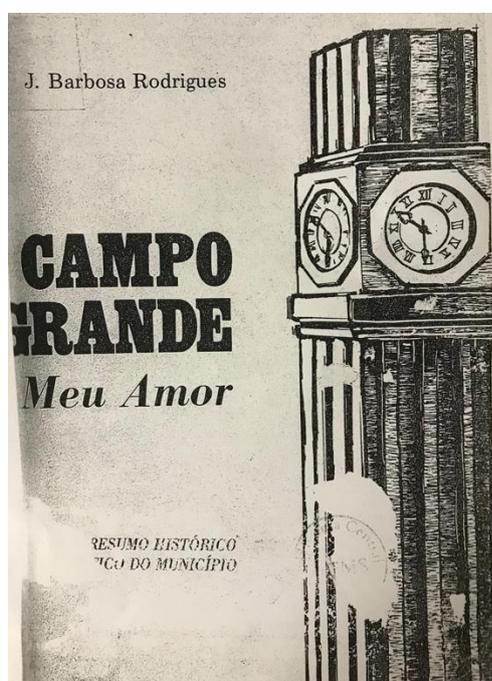
⁹ Até o momento da escrita, não foi possível determinar se a obra teve outras edições publicadas.

O livro é subdividido em 36 capítulos, totalizando 47 páginas, em que foram apresentados um panorama geral sobre a História, Geografia, Economia, Política e Sociedade, além de dados estatísticos e de informações sobre os meios de comunicação do município. Ademais, a produção traz também dois resumos que recapitulam a história, a posição geográfica; neles, foram elencados os principais tópicos, os quais deveriam ser memorizados pelos estudantes, podendo ser cobrados em eventuais avaliações.

Inúmeras fotografias e mapas ilustram o manual, como por exemplo, um mapa parcial do estado de Mato Grosso do Sul. Rodrigues também incluiu o poema intitulado *Campo Grande*, de autoria do bispo D. Francisco de Aquino Corrêa, o hino de Campo Grande, a bandeira e o brasão do município, com seus respectivos significados, e uma lista com os nomes de 51 prefeitos.

A capa é simples e possui em seu plano central um esboço de um dos símbolos da cidade de Campo Grande e da identidade campo-grandense, o relógio da rua 14 de julho e, na margem esquerda, o título e nome do autor.

Figura 2- capa do livro *Campo Grande: Meu Amor*



Fonte: RODRIGUES, 1978

Segundo Choppin (2004), existem algumas funções específicas para o livro didático, dentre elas, a *função ideológica e cultural*. O autor menciona que, com a criação dos Estados Nacionais, o livro “se afirmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura, e dos valores das elites dirigentes”. Também apresenta outros aspectos que são primordiais para se entender a produção de caráter historicista de Rodrigues, semelhante aos metódicos do contexto da consolidação dos Estados Nacionais. Para ele, o material didático é um “instrumento privilegiado de construção da identidade” e das subjetividades, ou seja, quando os indivíduos passam a se identificar e a se reconhecer como pertencentes àquela coletividade (CHOPPIN, 2004, p. 553).

Foi justamente essa a intenção de José Barbosa Rodrigues ao criar materiais didáticos: forjar identidades e trabalhar com as subjetividades dos habitantes da recém escolhida capital de Mato Grosso do Sul, sempre justificando a escolha da mesma e o sentimento de pertencimento ao novo estado.

Na primeira parte da obra, foram apresentadas informações desde a fundação até a elevação de Campo Grande à capital de Mato Grosso do Sul. Além do mais, o autor dividiu os principais elementos fundantes em capítulos, como *A Primeira Roça*, *A Primeira Festa Religiosa*, *A Criação e Instalação da Comarca*, *a Elevação de Distrito a Município* e a escolha como *A Capital de Mato Grosso do Sul*.

Nos relatos do que seria *A Primeira Roça*, o autor elegeu José Antônio Pereira como o responsável pela fundação do que viria a ser Campo Grande e o dia 21 de junho de 1872 como a data inaugural de fundação. Outra data oficial a ser comemorada, segundo ele, é a elevação à categoria de vila no dia 26 de agosto de 1899 – data oficial atual do aniversário da cidade.

De acordo com Rodrigues (1981, p. 14), como em boa parte das cidades brasileiras, “Campo Grande cresceu à beira de cursos de água e à sombra de uma igreja católica”, durante essa e outras obras, o autor buscou fixar a religião como elemento que compõe a identidade regional. A importância do catolicismo se deu de tal modo que, em certo período, o ainda vilarejo tinha como nome Santo Antônio de Campo Grande da Vacaria. Esse pequeno distrito teria sido elevado a município com muita rapidez, devido aos progressos econômicos e ao crescimento demográfico. A velocidade de crescimento foi utilizada como um discurso que justificou a escolha da

cidade de Campo Grande como capital, ao invés de Dourados ou Corumbá, por exemplo.

A segunda parte da obra é dedicada ao *Resumo Geográfico do Município*, em que abordou diferentes temáticas. Inicialmente trouxe informações gerais, mantendo a divisão em capítulos para os assuntos que julgou mais importantes, sendo eles *Posição Geográfica*, *Os Limites*, *Superfície Territorial*, *População*, *Clima*, *Hidrografia* e *Educação*. Apesar de o município ter uma pequena área territorial e ocupar a décima terceira posição entre os 64 municípios¹⁰ de Mato Grosso do Sul elencados por Rodrigues, para ele, Campo Grande tinha uma posição geográfica privilegiada, por ser central, sendo ponto obrigatório de passagem para as viagens regionais e nacionais.

O clima tropical de altitude seria bom e saudável e até mesmo a qualidade da água era considerada elevada, mesmo sem receber tratamento, contando com um fluxo de ribeirões e córregos, todos listados na obra. Assim como Rodrigues, outros autores¹¹ trabalham com as questões climáticas, mesmo que de forma subentendida, fazendo uma oposição a Cuiabá, vista historicamente como distante e com clima hostil.

Ao trabalhar com a população, mesmo sem apresentar fontes, afirmou que a população campo-grandense foi a que mais cresceu no estado, sendo estimada em 300.000 habitantes. Todavia, assim como foi visto no livro *Mato Grosso do Sul para a 3ª série do 1º grau*, Rodrigues omitiu a composição étnica dos campo-grandenses. O autor menciona que “em quase em sua totalidade os habitantes eram brasileiros” e havia também “algumas colônias de japoneses e paraguaios” (RODRIGUES, 1978, p. 23).

As populações indígenas e quilombolas, que historicamente habitam a região, não foram sequer mencionadas. De acordo com o último censo demográfico, realizado em 2010, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Mato Grosso do Sul conta com a segunda maior população indígena do país. Além disto, segundo o site do MPF (Ministério Público Federal), Mato Grosso do Sul também

¹⁰ O autor não fornece informações sobre fontes e de onde retirou a informação sobre a quantidade de municípios, a questão acaba ficando dúbia, visto que em *Mato Grosso do Sul para 3ª série do 1º grau*, livro escrito no mesmo ano, o autor menciona que existiam 59 municípios em Mato Grosso do Sul.

¹¹ Sobre essa temática, ver (GALETTI, 2012).

possui atualmente 18 comunidades quilombolas¹². A partir dessas informações, surgem alguns questionamentos: esses grupos apareceram após a escrita do livro? Por quais motivos o autor omitiu a presença de alguns grupos étnicos?

As indagações serão retomadas nas considerações finais desse trabalho, mas aqui já podemos afirmar que em nenhum momento do livro é possível notar a presença de indígenas, quilombolas e outras etnias vindas da Europa, como sírios, libaneses e armênios. Ao ler o manual, alheio aos dados que temos hoje, os estudantes poderiam ter a impressão de que esses grupos nunca existiram na cidade.

Em diversos momentos, o autor buscou explicitar o que compreendia ser as potencialidades de Campo Grande, seja pelo seu desenvolvimento econômico e demográfico, por sua localização geográfica central e privilegiada ou até mesmo por sua composição étnica. Tais escolhas não foram feitas ao acaso, visavam demonstrar como acertada a decisão de escolher a cidade como capital de Mato Grosso do Sul.

Ainda sobre esse tema, ele argumenta que a grandiosidade de Campo Grande podia ser comprovada através da excelência educacional, sendo considerado “um dos municípios mais alfabetizados do interior do Brasil”. Rodrigues complementa que todos os níveis de ensino são englobados, contando com escolas particulares, isoladas e rurais, que somadas comportam cerca de 25.000 mil alunos e 22 estabelecimentos responsáveis por ministrar o ensino médio, sejam eles públicos ou particulares. Conta-se também com o ensino superior, ministrado por grandes universidades, como a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Faculdades Unidades Católicas de Mato Grosso (FUCMAT) e pelo Centro de Ensino Superior (CESUP), “com um total de 17 Faculdades frequentadas por mais de 4.000 acadêmicos”. Com uma visão de preparo para o futuro, ainda há “escolas profissionais e especializadas” responsáveis pela formação de mão de obra qualificada para os diversos setores da sociedade (RODRIGUES, 1981, p. 29).

José Barbosa Rodrigues se esmera em justificar o porquê da sua escolha, diante das disputas com as elites de Dourados, uma das principais cidades da porção sul e concorrente ao posto de capital. Ele militou ativamente por meio de seu jornal, o *Correio do Estado*, em oposição às elites douradenses do jornal *O Progresso*. Segundo Furlanetto (2018, p. 108-110), em reação à possibilidade do novo estado se

¹² Mapa Quilombolas. Disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/ms/atuacao/mapa-quilombolas>>. Acesso em: 23 de nov. de 2022.

chamar Campo Grande, os douradenses chegaram a enviar telegramas ao presidente Ernesto Geisel, Câmara Federal e ao Senado, alegando que “somos mato-grossenses e pretendemos continuar mato-grossenses” e “Jamais Estado de Campo Grande”. Foram propostos como alternativa: Dourados, Maracaju, Mato Grosso do Sul e Bodoquena. Além de não aceitar Campo Grande como nomenclatura da nova unidade federativa, requeriam que Dourados fosse a capital, por ser “celeiro do Brasil”, por seu desenvolvimento agropecuário, pelo crescimento urbano e demográfico, pela sua capacidade eleitoral e pela marginalização política que seria imposta pelos políticos campo-grandenses (FURLANETTO, 2018, p. 111).

Sobre os *Meios de Comunicação*, destacou a aviação, a ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), as rodovias e a imprensa. Com relação à *aviação* ressaltou que era desenvolvida e que várias companhias aéreas interligavam Campo Grande à Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e às demais regiões, transportando pessoas, mercadorias e correspondências. A cidade era servida de dois aeroportos e sediava a base aérea do Comando Militar do Oeste (CMO), contando com “regular tráfego de aviões militares, sendo frequente a presença de aviões estrangeiros no Aeroporto Internacional Antônio João” (RODRIGUES, 1981, p. 31).

A NOB ganhou um destaque na obra, com enfoque na história e na sua importância, com um ramal ferroviário que interligava Campo Grande à Ponta Porã. Enfocou também as rodovias, considerando que seria o município mais bem servido por estradas de rodagem, que a interligavam aos demais municípios e aos demais estados. Além dessas vias, havia as estradas municipais que ligavam a sede municipal à zona rural. Mesmo longe dos grandes centros, a cidade poderia ser considerada “uma das encruzilhadas do mundo” (RODRIGUES, 1978, p.31).

No aspecto econômico, destacou as diferentes atividades, dando ênfase à pecuária que “constitui o alicerce da atividade econômica”, a mesma tem “tomado grande impulso e potencial” (RODRIGUES, 1980, p. 37). Ademais, segundo ele, existia também grande variedade na produção de couro, além das atividades agrícolas, sendo cultivado arroz, feijão, algodão, amendoim, mamona, café, mandioca, entre outros.

Mesmo “relativamente pequena”, o funcionamento das indústrias caminhava no “sentido de expansão”, abrangendo vários setores, tanto para consumo interno

quanto para exportação. O setor terciário foi apresentado como a grande força motriz da economia campo-grandense, “destacando-se como o maior empório da região Centro Oeste”, servindo de ponto de abastecimento para “a maioria das cidades matogrossenses” e “algumas cidades paraguaias e bolivianas” (RODRIGUES, 1980, p. 36-38). As atividades econômicas também foram inseridas no contexto geopolítico de divisão e escolha da capital, colocando Campo Grande sempre como desenvolvida e próspera.

Assim como no primeiro tópico, há uma retomada dos assuntos mais importantes em uma lista chamada *Recapitulação Geográfica*. Esta é complementada por um panorama intitulado de *Campo Grande em 1981*, com dados populacionais, arrecadação e estatísticas sobre órgãos públicos e privados.

As inclusões dos símbolos cívicos do município são testemunhos da preocupação de Rodrigues com a construção do regionalismo e da identidade sul-mato-grossense. O *Hino à Campo Grande* mobiliza valores patrióticos em relação à cidade ao evocar um passado glorioso, cidadãos felizes, afetividade aflorada e o orgulho de pertença. Dessa maneira, a construção da identidade campo-grandense é feita em paralelo ao amor pelo município, e, se fosse o caso, como é mencionado no próprio hino: “morrerei pela pátria adorada” e “nosso afeto a ela sagremos” (RODRIGUES, 1980, p. 41).

A letra foi escrita e musicada por Trajano B. de Souza, em 1918, e já evocava um passado glorioso e narrava uma cidade com rápido desenvolvimento econômico e demográfico, tornando-se a mais progressista de Mato Grosso, o que pode ser demonstrado na letra: “outrora um deserto, transformou-se em cidade primor” (RODRIGUES, 1980, p.41).

Até a escrita da obra, antes da criação de Mato Grosso do Sul, o hino mencionava uma “trindade sagrada” composta por Mato Grosso, Brasil e Campo Grande. Essa era uma tentativa de evocar sentimentos de pertencimento em nível estadual, nacional e municipal, sentimentos estes que deveriam despertar orgulho diante da sua importância histórica, geográfica e política.

Segundo o site do Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA)¹³, após a criação de Mato Grosso do Sul, em 1977, alguns versos foram adaptados por Henedina Hugo Rodrigues, esposa do autor dos livros aqui analisados, e Hildebrando Campestrini, à época presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), de modo que incorporasse *Mato Grosso do Sul* ao coro, sendo excluída a referência a Mato Grosso.

O uso do hino como forma de despertar sentimentos de pertença permanece até hoje. Em Campo Grande, no ano de 2019, com as reformas realizadas na rua 14 de julho a partir do projeto de revitalização do centro chamado *Reviva Campo Grande*, o canteiro da avenida Afonso Pena, principal avenida do município, ganhou uma placa com a letra do hino, apresentando as devidas referências a Trajano e Campestrini. A placa fica posicionada ao lado de outro importante símbolo da identidade campo-grandense, O Relógio da rua 14 de julho. Já mencionado aqui, o relógio estampado na capa desse livro ganhou uma versão modernizada com ponteiros digitais e estrutura de iluminação.

Figura 3- brasão do município de Campo Grande.



Fonte: www.campograndems.net/simbolos

Outros elementos cívicos foram contemplados pelo autor, como o brasão do município, o qual apresenta, na visão de Rodrigues, a síntese do que seria a identidade campo-grandense, o escudo samnítico, evocando a raça latina "como primeira e principal formadora da nacionalidade brasileira"; a cor azul do escudo "é símbolo heráldico da justiça, elogio, nobreza, perseverança, zelo e lealdade, atributos

¹³ Arquivo de Campo Grande (ARCA). Hino de Campo Grande. Campo Grande. Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/hino-da-cidade>>. Acesso em 19 nov. 2019.

do povo campo-grandense que, pelo trabalho eficaz e realizador, constrói a grandeza da cidade” (RODRIGUES, 1980, p. 43).

O brasão conta ainda com duas faixas onduladas dentro do escudo, retratando os rios Prosa e Segredo, Rodrigues afirma que foi “na confluência dos quais, em 1872, foi erguido o primeiro rancho, a semente que germinou a cidade ora chamada Campo Grande” (RODRIGUES, 1980, p. 43).

A águia “é símbolo heráldico de poder, prosperidade e altruísmo”, segundo PLAYNE (*apud* RODRIGUES, 1980, p. 43)¹⁴, indica também altos desígnios, grandes empreendimentos, generosidade e liberdade”, além disso, “da condição de liderança conquistada através de sua evolução histórica, razão de se constituir na ‘Metrópole econômica da região sul-matogrossense’”. Pendurada em suas garras, há uma buzina de caça; para o autor, ela evoca no brasão a pecuária – esteio da economia municipal e de toda a região. Ao descrever o significado da bordadura, Rodrigues busca referências no período das cruzadas:

[...] símbolo heráldico de proteção, de favor e de recompensa é a alta distinção que serve de amparo àqueles que os príncipes querem assegurar com seu favor e contra seus inimigos; carregada com oito cruces páteas de goles (vermelho) e vazias de prata, que é o símbolo português usado nas cruzadas, símbolo dos navegadores e descobridores de terras, símbolo ostentado pela flâmula dos intrépidos bandeirantes em sua obra de conquista, que a tudo presidiu na evolução histórica do Brasil (RODRIGUES, 1980, p. 44).

A cor vermelha presente nas cruces seria o “símbolo heráldico de intrepidez, coragem, valentia, audácia, qualidades que identificam o pioneiro desbravador do agreste sertão brasileiro” (RODRIGUES, 1980, p. 45).

Já na faixa, constam os anos de 1872 e 1899, que significavam os anos que o primeiro “habitante original desta plaga aqui se fixou, [...] lançando as sementes da grande cidade”, e o segundo ano marcava a elevação de Campo Grande à categoria de Vila e Município. Para o autor, esse ano foi um marco e “ponto de partida para a arrancada gloriosa na senda do progresso, que em pouco tempo se tornaria a Cidade-Líder de um Estado”. Após o escudo, a tríade poder-prosperidade-altruísmo,

¹⁴ Nessa citação, o autor menciona Baron Playne, entretanto não menciona o ano da publicação ou a obra em questão.

nas palavras dele, “é a sintetização de tudo o que o brasão representa” (RODRIGUES, 1980, p. 44).

Tais símbolos trazem em seu conteúdo uma visão de sociedade, de história, valores de ser humano, pois pretendem criar um imaginário coletivo. Segundo Queiroz (2007), ao apresentar aspectos sobre construção da identidade sul-mato-grossense, o autor elenca duas estratégias dos intelectuais do sul de Mato Grosso, a primeira se dava na tentativa de atribuir o que Galletti (2000)¹⁵ chamou de “estigma da barbárie” aos cuiabanos. Já a segunda, seria a apropriação e a posterior transformação de alguns elementos da identidade mato-grossense, os quais seriam aplicados exclusivamente ou de maneira preponderante aos habitantes do atual Mato Grosso do Sul.

O poema *Campo Grande*, de autoria do bispo D. Aquino Francisco Corrêa¹⁶, destaca as qualidades do solo, do clima e dos campos, que aproximavam a cidade de um eldorado, ou seja, um local pródigo em riquezas e oportunidades. Como decorrência das potencialidades, teria um futuro glorioso, próspero, de muito progresso e civilização. J. Barbosa Rodrigues, ao incluir o poema em sua obra, pretendia despertar o orgulho de pertencer à coletividade campo-grandense, assim como os sentimentos de identificação com o local e o senso de que cada um dos munícipes teria de contribuir para seu engrandecimento.

Por se tratar de um material destinado às crianças, a inclusão de imagens foi uma estratégia para reforçar os conteúdos e as representações de progresso e modernidade, além de facilitar o aprendizado. Segundo Mayer (2001), aprendizagem multimídia envolve o uso de palavras e imagens. Assim, a história campo-grandense é construída visando que os estudantes enxergassem na cidade o que há de mais moderno, como por exemplo, as fotografias do *Edifício-sede da Prefeitura de Campo Grande*, da *Vista aérea de Campo Grande*, *Sede provisória do governo de Mato Grosso do Sul*; do *Córrego Segredo*, da *Igreja Matriz de Santo Antônio*, da *Catedral São José*, da *Cidade Universitária*, da *BR 262*, etc. As imagens reforçam e veiculam concepções de uma cidade progressista, modernizada, com ruas largas e movimentadas, prédios modernos, com uma economia pujante e com comércio

¹⁵ Sobre isso, ver: (GALETTI, 2012)

¹⁶ Dom Francisco de Aquino Corrêa foi um bispo católico, escritor e político brasileiro. Num contexto de agitação política, foi escolhido para o cargo de governador de Mato Grosso entre 1918 a 1922. Para mais informações, ver: (MARIN, 2018).

forte. Dessa forma, Campo Grande foi retratada como principal cidade do estado, justificando sua escolha como Capital. Com isso, despertava-se o orgulho de residir na cidade, que também era a capital de Mato Grosso do Sul.

Outras imagens destacavam alguns políticos que eram considerados por Rodrigues como importantes para a história recente de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul, como o governador Pedro Pedrossian, o ex-governador Arnaldo Estevão de Figueiredo e o prefeito de Campo Grande, Levy Dias. Na escolha desses políticos em questão, podemos notar uma clara influência política, visto que todos os representados nas fotografias pertenciam ao grupo político do qual ele também fazia parte: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e posteriormente com a queda do bipartidarismo, ao Partido Democrático Social (PDS).

Em suma, o autor elencou heróis retratados nas grandes figuras políticas, datas oficiais, um pai fundador (José Antônio Pereira) e notáveis que se empenharam para fazer de Campo Grande uma cidade próspera e moderna. Cabe destacar a utilização da obra como material didático nas escolas, afirmando Campo Grande como capital e criando a coletividade e a identidade campo-grandense. Além do mais, reforçou a produção de sentimentos de pertencimento ao município e fomentou o regionalismo.

Os conteúdos apresentados não permitem compreender de forma crítica ao não propor uma problematização da História, da Geografia, da Cultura, entre outras. A História apresentada é protagonizada apenas por homens brancos e há silêncios sobre a presença das populações indígenas, da escravidão de africanos, de grupos quilombolas remanescentes e dos problemas sociais que até hoje persistem.

A abordagem de José Barbosa Rodrigues é factual, priorizando os fatos históricos, a legislação, os nomes de pessoas que ocuparam cargos políticos e as principais datas, que foram colocados numa sequência temporal linear. Segundo Hobsbawm (1998, p. 32-33), "o sentido do passado é construído como uma continuidade coletiva de experiências que visam fornecer a sensação de pertencer a uma tradição antiquíssima, permitindo satisfação emocional". Rodrigues não apresenta as fontes, ampara-se em sua posição social e constrói uma narrativa modelo acerca da história campo-grandense, instituindo datas e um calendário oficial a ser comemorado.

As recapitulações históricas destacaram os principais fatos, datas, leis e nomes de autoridades civis, militares e religiosas. A recapitulação geográfica enfatizou a localização do município, latitudes e longitudes, superfície, limites territoriais, dados econômicos sobre a agricultura, pecuária, comércio e indústria, além de dados sobre as escolas, jornais e vias de comunicação.

Esses conteúdos deveriam ser memorizados, pois sintetizariam os conteúdos que deveriam ser apreendidos pelos alunos. Todavia, de acordo com (GALVÃO, CÂMARA, JORDÃO, 2011, p. 632), a memorização é uma estratégia superficial e tem por característica a repetição enquanto procedimento para armazenamento da informação.

O papel de José Barbosa Rodrigues

José Barbosa Rodrigues militou ativamente na construção da memória regional e da identidade sul-mato-grossense. Ele era o proprietário do jornal *Correio do Estado*, fundado em 1954, e tinha vínculos com políticos, empresários e profissionais liberais filiados à União Democrática Nacional (UDN) e, posteriormente, durante a ditadura militar à Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e, ainda, no Partido Democrático Social (PDS). Gozava de privilégios e voz autorizada devido às suas ligações com as elites econômicas e políticas.

Com a criação de Mato Grosso do Sul, engajou-se na consolidação do novo estado, não só nas disputas pelo poder no âmbito estadual, mas também ao criar uma memória regional e estruturar os alicerces da identidade. Ele acompanhou e participou da fundação da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), não apenas como membro (13ª cadeira), mas na sua estruturação, ao ceder uma das dependências do jornal para que funcionasse como sede da instituição.

Desde 1972, o *Correio do Estado* publicava o *Suplemento Literário*, que era dirigido pela Academia de Letras e História de Campo Grande (ALHCG) e, após 1978, pela ASL. Ele também ocupou, por dois mandatos, a presidência da ASL. Em 1982, foi criada a *Fundação Barbosa Rodrigues*, mantida pelo grupo *Correio do Estado*, que desenvolveu projetos na área social e na preservação documental e da divulgação do que o grupo entendia como a história de Mato Grosso do Sul e de Campo Grande, além de celebrar e eternizar a memória de Rodrigues e do jornal.

Hildebrando Campestrini, presidente do IHGMS, destacou o seu vanguardismo: “Ele buscava ser útil, tinha uma visão muito prática. Seus livros foram motivados por isso. Escreveu sobre aquilo que não havia conteúdo” (in ANDRADE, 2016). Rodrigues não estaria contribuindo apenas para a construção da memória e da identidade, mas estava articulando uma propaganda acerca de si e do jornal de que era proprietário, impondo determinadas autoimagens para seus contemporâneos, como também para a posteridade. Suas obras são os monumentos que evocam o passado, perpetuam as recordações – voluntárias ou involuntárias – e são legados à memória coletiva. Ou seja, são um produto da sociedade que as fabricou, segundo as relações de força daqueles que detinham o poder.

Suas produções foram celebradas e apropriadas por outros intelectuais, por instituições culturais, imprensa e governos estaduais, sendo tidas como referência obrigatória no estudo devido à importância e dimensão que tomou sua produção. Em *Boa história sobrevive da simplicidade*, de Enilda Mongenot Pires, a autora destacou o legado de Rodrigues, elogiando sua preocupação com a “comunicação imediata aos estudantes” e seu “estilo didático” (PIRES, 2004, p. 81-82). No mesmo texto, sua importância enquanto jornalista, escritor e historiador¹⁷ é comparada com o historiador francês George Duby, este que “foi um dos mais renomados historiadores franceses da nova geração”, do mesmo modo que o francês seria referência nos estudos acerca da Idade Média “Barbosa Rodrigues está para a história sul-mato-grossense” (PIRES, 2004, p. 85-86).

Em *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, José Couto Vieira Pontes atribui inúmeras qualidades ao trabalho de Rodrigues. Segundo Pontes (1981, p. 176), o “Jornalista e historiador, o Prof. José Barbosa Rodrigues membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras, cadeira nº 13, [...] É um homem de letras oriundas da tribuna jornalística, viveiro de tantos talentos”. Sua produção é comparada a de renomados escritores do cenário nacional, como Machado de Assis e Euclides da Cunha, além de ser proprietário do jornal *Correio do Estado*, foi um agente motivador de “valioso incentivo à cultura, em nosso meio” (PONTES, 1981, p. 176). Ele também foi creditado com “pesquisador incansável da nossa História” e com uma

¹⁷ José Barbosa Rodrigues nunca teve formação em História, era na verdade, jornalista.

“biblioteca especializada em obras mato-grossenses e sul-matogrossense” (PONTES, 1981, p. 177).

Na matéria *José Barbosa Rodrigues: trajetória marcada pelo pioneirismo*, publicada no *Correio do Estado*, de 30 de junho de 2016, foram publicados os depoimentos de Hildebrando Campestrini (Presidente do IHGMS à época), Antônio João Hugo Rodrigues (seu filho), José Couto Vieira Pontes (um dos fundadores da ASL) e Reginaldo Alves de Araújo (presidente da ASL à época), que destacaram a importância de Rodrigues, assim como sua paixão pela escrita, pelo conhecimento, além das suas competências profissionais.

Tanto em vida, quanto após seu falecimento, José Barbosa Rodrigues recebeu diversas homenagens. No ano de 2017, a Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul criou a *Medalha de Mérito Jornalístico José Barbosa Rodrigues*, destinada a premiar profissionais de destaque na área das comunicações. O Departamento de História, antiga reitoria da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus Cidade Universitária leva o nome “Espaço Prof.º J. Barbosa Rodrigues”, estabelecido pela resolução nº 93, de 20 de dezembro de 2010 do Egrégio Conselho Universitário, atual Faculdade de Ciências Humanas (FACH). Na cidade de Campo Grande, também recebeu homenagens, tendo seu nome em uma avenida, no Palácio das Comunicações dentro do Parque dos Poderes e em uma escola da rede estadual, localizada no bairro Universitário.

Considerações finais

José Barbosa Rodrigues foi um dos primeiros a escrever sobre a história de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul, logo após a divisão de Mato Grosso e a criação do novo estado. Desde 1978, o jornalista se manteve muito engajado na criação da identidade local e na justificativa da escolha do município como capital do mais recente estado brasileiro.

Seu principal interesse foi a construção de uma história oficial de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul, fomentando o regionalismo e a identidade regional. As obras *Campo Grande meu amor: resumo histórico e geográfico do município* e *Mato Grosso do Sul para 3ª série do 1º grau* foram as primeiras sistematizações sobre a capital e o estado. Elas foram utilizadas e distribuídas nas

escolas da capital e do interior, com o objetivo de auxiliar professores e alunos a compreenderem os recentes acontecimentos. Além disso, buscava-se formar as futuras gerações já como sul-mato-grossenses, deixando para trás a ligação com Mato Grosso.

Ambos os livros contribuíram para produção de subjetividades, mitos fundadores e heróis, ou seja, aspectos comuns à coletividade, como as tradições. Tudo isso favoreceu a criação de laços identitários entre a população, auxiliando no processo no qual os mato-grossenses foram transformados em sul-mato-grossenses, e os campo-grandenses passaram a viver em uma capital.

As obras *Campo Grande meu amor: resumo histórico e geográfico do município* e *Mato Grosso do Sul para 3ª série do 1º grau* foram importantes pilares da historiografia regional, sendo utilizadas por outros pesquisadores, sobretudo aqueles ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e por memorialistas.

Suas bases são:

1. O município de Campo Grande estava destinado a ser capital de Mato Grosso do Sul desde o século XVI, pois para ele o início da história do estado também remete a esse período;
2. O destaque à figura dos bandeirantes paulistas como desbravadores e de portugueses como colonizadores; dessa forma, os habitantes atuais possuíam uma ascendência europeia ou paulista;
3. O silenciamento acerca das populações indígenas como etnias que compõem a população da região. Retratados como empecilhos do progresso, defesa e povoação, foram tratados por Rodrigues de maneira superficial;
4. O apagamento da população negra de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul: quase não existem menções acerca da presença de afrodescendentes. As poucas passagens presentes nos textos trazem contradições acerca da existência da escravidão ou negam sua expressividade. A população era, para ele, composta majoritariamente por brancos, descendentes de paulistas, portugueses, espanhóis, libaneses;
5. O enaltecimento dos pioneiros como representantes do progresso e da civilidade – essas populações foram primordiais para a constituição de uma cida-

de ordeira, com alto nível intelectual, dando destaque à figura de médicos, engenheiros, professores e advogados. Ao enaltecer os pioneiros acabava por legitimar as elites e o poder de mando;

6. A supressão das disputas entre as elites campo-grandenses e douradenses acerca da falta de consenso sobre escolha da capital do novo estado. Retratar a história municipal com parcialidade e com nítidas intenções de privilegiar um grupo político, justificando assim a escolha de Campo Grande como capital;
7. A criação de José Antônio Pereira como fundador do município, ignorando outros habitantes que já residiam na região. Esse foi importante elemento gerador de sentimentos de pertencimento à coletividade, assim como para a constituição de uma identidade campo-grandense;
8. A presença da religião católica como elemento de civilidade, ordem e prosperidade. Para Rodrigues, Campo Grande, assim como o Brasil, foi concebida a partir de ideais católicos, fé e uma moral cristã.

Enfim, deve-se considerar que José Barbosa Rodrigues tem uma narrativa factual e linear, que valoriza heróis, datas e fatos históricos importantes, geralmente ligados à história política. A memória regional constituída pelo autor retrata uma história harmônica e consensual, que excluiu a presença de negros e indígenas na sociedade contemporânea. Com um caráter memorialista, ele também cria elementos simbólicos que deviam ser comemorados e lembrados pelas futuras gerações campo-grandenses. Segundo Connerton, nossas "experiências do presente dependem, em grande medida, do conhecimento que temos do passado e que nossas imagens servem normalmente para legitimar a ordem social presente" (CONNERTON, 1999, p. 2).

Em suma, o autor teve um papel relevante para a construção da identidade e do regionalismo e deve ser lido e compreendido em seu recorte temporal, levando em conta suas subjetividades e contradições.

Referências

- AMARILHA, Carlos Magno Mieres. **Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.
- ANDRADE, Thiago. **José Barbosa Rodrigues: trajetória marcada pelo pioneirismo**. Correio do Estado, Correio B, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/arte-e-cultura/jose-barbosa-rodrigues-trajetoria-marcada-pelo-pioneirismo/281191/>. Acesso em 5 mai. 2019.
- BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul – a construção de um estado: regionalismo e divisionismo no Sul de Mato Grosso**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. 2 v.^[L1]_[SEP]
- BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: a construção de um estado**. Regionalismo e divisionismo no Sul de Mato Grosso. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. 2 v.
- BITTAR, Marisa. **Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso**. Multitemas n. 15, out. 1999.
- BITTAR, Marisa. **Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso**. Multitemas – Periódico das comunidades departamentais da UCDB, Campo Grande, n. 15, p. 93-124, out. 1999.
- BOURDÉ, Guye* MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 1990.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2016.
- CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e pesquisa, São Paulo, V.30, n.3, p.549-566, set/dez.
- CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Tradução de Maria Manuela Rocha. 2. ed. Oeiras: Celta, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FURLANETTO, Vera Lúcia. **Mato Grosso do Sul: a criação de um estado pelas representações dos jornais O Progresso e Correio do Estado**. Dourados, 2018. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados – Faculdade de Ciências Humanas.
- GALETTI, Lylia S. G. **Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização**. Cuiabá: EdUFMT, Entrelinhas, 2012.^[L1]_[SEP]
- GALVAO, Afonso; CAMARA, Jacira; JORDAO, Michelle. **Estratégias de aprendizagem: reflexões sobre universitários**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 93, n. 235, p. 627-644, dez. 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.^[L1]_[SEP]
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. Companhia das letras, São Paulo. 1998.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.^[L1]_[SEP]

MARIN, Jérri Roberto. **D. Aquino Corrêa e a construção da identidade mato-grossense**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 16, n.50, p.780-811, maio/ago. 2018. Disponível em: <acesse.one/kiDo4> Acesso em 09.06.2023

NORA, Pierre. **Entre a memória e história. A problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. [1] [SEP]

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. **Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio)**. Revista Diálogos, Maringá: UEM, v. 10, n.2, p. 149-184, 2006.

RODRIGUES, José Barbosa. **Campo Grande meu amor: resumo histórico e geográfico do município**. São Paulo: Editora do Escritor, 1978.

RODRIGUES, José Barbosa. **Campo Grande meu amor: resumo histórico e geográfico do município**. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.

RODRIGUES, José Barbosa. **História de Campo Grande**. São Paulo: Resenha Tributária, 1980.

SILVA, Ricardo Souza. **Mato Grosso do Sul: Labirintos da Memória**. Dissertação (Mestrado em História) FCH/UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados. 2006.

SYRJAMAKI, Sami. **Sins of a Historian: perspectives to the problem of the anachronism**. Oslo: University of Tampere, 2011.

ZILIANI, José Carlos. **Tentativas de construções identitárias em Mato Grosso do Sul (1977-2000)**. 2000. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

ZORZATO, Osvaldo. **Alicerces da identidade mato-grossense**. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 161, p. 419-436, jul./set. 2000.

Recebido em: 01/11/2022

Aprovado em: 03/03/2023